

PUBLICAÇÃO QUINZENAL,  
DE TURISMO, PROPAGAN-  
DA, VIAGENS, NAVEGA-  
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

ANO IV

LISBOA, 20 DE OUTUBRO DE 1919

N.º 80

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA  
PAGAMENTO ADEANTADO

ANO..... 1\$40      ESTRANGEIRO  
SEMESTRE . 370      ANO..... 3\$00  
NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria) — TEL. 2337-C. — LISBOA

## A MAGNA QUESTÃO HOTELEIRA

### UMA SIMPATICA INICIATIVA

APESAR de todos os esforços empregados pela *Sociedade Propaganda de Portugal* e pelo *Conselho do Turismo* afim de crear e fomentar a industria hoteleira em Portugal, a verdade é que nada se tem feito n'este sentido, estando o Paiz quasi absolutamente desprovido de hotéis confortaveis, higienicos e modernos, com excepção de dois ou três, insufficientes, de resto, para as necessidades que, dia a dia, augmentam sensivelmente.

A maior parte dos nossos hotéis é constituída de edificios de construção primitiva e de todo inadequada ao seu fim, de acanhadas proporções e em que falta tudo quanto as mais elementares e rudimentares regras de hygiene e conforto aconselham como indispensavel.

Diariamente, muitas centenas de pessoas, chegadas a Lisboa, Porto e outras das principaes terras do paiz, ficam sem alojamento por não haver acomodações, ainda que insufficientes e más.

Tem sido tão sensível ultimamente esta falta, que ella assume as proporções de um grande desleixo.

Com effeito, quando todas as demais industrias se tem desenvolvido extraordinariamente, a industria hoteleira entre nós paralisou em moldes perfeitamente primitivos, sendo frequentissimas as queixas constantes que os estrangeiros, que visitam a capital, fazem a proposito da falta de bons hotéis.

Não poderemos ter a pretensão de possuir, por enquanto, hotéis como o *Holland-House* ou o *Woldorf-Astoria* de New-York, ou o *Auditorium*, de

Chicago, hotéis de 20 andares, 2000 quartos, 1500 creados, e de tanta grandeza, tanta sumptuosidade e comodidades como nenhum grande milionario tem melhor nos seus palacios; mas podemos ao menos seguir o exemplo da capital visinha, onde se formam sociedades para a exploração de grandes hotéis, como os magestosos *Madrid-Palace-Hotel* e *Ritz*, que tem dado florescentissimos resultados financeiros, alem de atrairem constantemente grande quantidade de forasteiros.

Portugal, com o seu clima delicioso, a sua situação privilegiada, não pode nem deve continuar a ser quasi ignorado dos outros paizes, devido á falta de comodidades e conforto para receber quem viája. Se até hoje nada se tem feito, isso não é razão para que se não faça agora.

Lisboa e Porto precisam de grandes e bons hotéis; como algumas terras, especialmente praias e thermas do nosso Paiz, precisam de ser convenientemente dotadas de hotéis confortaveis e higienicos.

Que esta ideia de ha muito se radicou no espirito publico, prova-o o facto de ter já o Governo decretado certas medidas com o fim de facilitar, tanto quanto possivel, a criação de Empresas e a execução de obras tendentes ao desenvolvimento da industria hoteleira, e consequentemente do Turismo em Portugal; como seja o decreto n.º 1121 de 28 de Novembro de 1914 e o seu regulamento publicado em 15 de Junho de 1915.

Por outro lado, a falta de predios para alugar em Lisboa, Porto, etc., e o seu exorbitante preço desequili-

bram de todo os orçamentos das familias de modestos rendimentos, já tão sobrecarregados pela carestia enorme dos generos de primeira necessidade para a vida, obrigando a uma solução economica e pratica, a exemplo do que se faz nos paizes mais adelantados, e que consiste nas chamadas *casas colectivas*, ou seja a reunião de muitas familias n'uma propriedade comum, tendo cada uma um limitado numero de aposentos reservados (quartos, uma pequena saleta, cosinha, casa de banho e toilette) e todas, em comum, salas de leitura, musica, palestra e restaurante.

Possuido d'esta ideia, resolveu um importante grupo de technicos organizar uma importante Empresa, cujo fim é:

1.º — A aquisição de terrenos ou propriedades urbanas adaptaveis á instalação de, pelo menos, um grande hotel em Lisboa e outro no Porto, com algumas centenas de quartos, e com todas as comodidades e confortos modernos.

2.º — A incorporação de hotéis já existentes, ou a construção de novos hotéis, com todo o moderno conforto, nos principaes centros urbanos, praias e thermas, segundo o plano que ao Conselho do Turismo e á Sociedade se afigurar mais vantajoso para os interesses nacionaes.

3.º — A construção de um sistema de casas colectivas, em que, á semelhança do que se tem posto em pratica em Berlim e na America, cada familia tenha um certo numero de aposentos reservados, e todas em comum salas de leitura, musica, palestra, restaurante, etc.

4.º — Quaesquer outras instalações para serviços que, facilitando a vida nas cidades e terras onde se exerça a acção da Sociedade, concorram para fazer d'ellas centros importantes de turismo.

5.º — A construção, em localidade apropriada, de um collegio que possa rivalisar com os melhores do estrangeiro, concorrendo eficazmente para o revigoramento da raça.

6.º — A montagem de meios de transporte para o serviço da Empresa ou do publico.

7.º — A exploração de outras iniciativas que possam concorrer para o progresso da vida social e do turismo em Portugal.

8.º — E, finalmente, a realização de quaesquer operações commerciaes que com os fins indicados tenham correlação, ou para o interesse geral da Empresa ofereçam vantagens.

Essa Empresa, que se denomina *Sociedade dos Grandes Hotéis de Portugal*, terá o capital de dez milhões de escudos, dividido em cem mil acções de 100\$00 cada, emitidas em quatro séries de dois milhões e quinhentos mil escudos cada. A primeira série, que está em emissão, terá o desembolso inicial de 30 por cento (30\$00) por acção. As restantes prestações serão chamadas á medida que as necessidades da Sociedade o exigiam.

E' este um importantissimo melhoramento a que não podemos deixar de dar o nosso maior aplauso e o mais decidido concurso.

sejam obrigados a demorar-se ali por qualquer circumstancia.

A Comissão Executiva d'esta Sociedade, quando foi apresentar a S. Ex.<sup>a</sup> o Ministro do Comercio os seus cumprimentos, aproveitou o ensejo para entregar uma representação assinada pelas Camaras Municipaes de Caldas da Rainha e Obidos, Associação Commercial e Industrial das Caldas da Rainha e Direcção da Sociedade Propaganda de Portugal, em que se pede o urgente desassorimento da Lagoa de Obidos, uma das mais pitorescas do paiz, que em breve desaparecerá se não se obstar ao assorimento constante a que está sujeita.

S. Ex.<sup>a</sup> prometeu occupar-se do assunto e deu aos comissionados a grata noticia de que, dentro de dois mezes, irá uma draga para identico trabalho na bahia de S. Martinho do Porto, não menos interessante sob o ponto de vista do turismo.

E' de esperar que esta promessa se efective.

## SOCIEDADE PROPAGANDA

### DE PORTUGAL

#### Novo "bureau de renseignements."

ESTA Sociedade, proseguindo entusiasticamente no cumprimento da sua patriotica missão, acaba de organizar um «Bureau de renseignements» em Vichy. Padua Franco, que por esse motivo ali esteve, relacionou-se com o grande maestro Philippe Gaubert, Chefe d'orquestra da Opera Comica de Paris, da Opera e concertos sinfonicos de Vichy, e com outros grandes mestres de obras de provado valor musical, que fazem parte dos programas dos grandes concertos sinfonicos de Paris. D'essas relações resultou a apresentação, a esses artistas, de varios trechos de musicas populares portuguezas, que eles muito apreciaram, prometendo aproveitá'os para compõem alguns arranjos musicaes que serão interpretados nos concertos que derem, tanto em Paris como em Vichy. Os mesmos distinctos maestros prontificaram-se logo, da melhor vontade, a incluir nos seus programas as composições sinfonicas de autores portuguezes, para uma boa propaganda da arte musical luzitana.

E' este um recurso habilmente aproveitado, cujos resultados contribuirão — sem duvida — em apreciavel quota-parte para a divulgação do nome portuguez no estrangeiro.

#### Industria hoteleira

UM dos problemas que mais tem preocupado esta Sociedade e a sua comissão de Hotéis, tem sido o relativo á industria hoteleira cuja de-

ficiencia em Portugal e especialmente em Lisboa é notoria, tanto pelo que diz respeito á qualidade como á quantidade.

Varias «démarches» teem sido repetidas vezes empregadas no sentido de se obter as melhorias necessarias nos hotéis do paiz; e se alguma coisa se tem conseguido, é ainda muito pouco para as necessidades correntes, e muito menos ainda pelo que diz respeito ás exigencias do turismo.

Encontra-se em via de organização a «Sociedade dos Grandes Hotéis de Portugal», que se propõe promover o preenchimento de tão importante lacuna, e collocar a nação em condições de receber a corrente de turistas que o nosso clima e as nossas belezas naturaes e artisticas necessariamente hão de provocar; e por isso a Propaganda de Portugal, louvando esta patriotica iniciativa, que tão poderosamente deve auxiliar os seus desejos, está pronta a patrocinal-a e a chamar a atenção dos seus associados para empresa de tão grande alcance.

#### Melhoramentos locais

VÃO obtendo resultado as diligencias que de ha muito teem sido empregadas pela Sociedade Propaganda junto das Companhias dos Caminhos de Ferro, para que sejam aperfeiçoadas as condições das estações fronteiriças por forma a oferecerem o melhor conforto, principalmente aos estrangeiros que visitem Portugal. A Companhia da Beira Alta tem já projectadas a ampliação do restaurante de Vilar Formoso e a construção de uma casa anexa, destinada a oferecer dormitório aos passageiros que

#### Feira de Barcelona

O feliz exito alcançado na representação do nosso paiz, promovida por esta Sociedade na Feira de Bordeus em Junho d'este ano, assim como na exposição de Sarrebruck (ocupação Franceza) em Outubro ultimo, constitue um incentivo para proseguir por este meio a divulgação das cousas portuguezas no estrangeiro.

De 15 a 30 de Maio de 1920 deve ter logar em Barcelona uma feira de caracter internacional, que promete revestir um exito verdadeiramente colossal, dado o numero de participantes de todos os paizes, que já figuram inscritos.

A feira será organizada por grupos profissionaes e compreenderá todos os ramos industriais e de produção. A ela poderá concorrer o nosso paiz, para o que a Propaganda de Portugal acaba de distribuir nos principaes centros portuguezes o programa e extracto do regulamento da Feira, podendo todos os interessados, para quaesquer esclarecimentos, dirigir-se directamente á Direcção Geral da Feira — Calle Fernando 30-ou-Apartado do Correo 512 — Barcelona.

#### A «Revista de Turismo»

Vende-se em HESPAÑA nas bibliotecas das seguintes estações:

*Manzanares, Medina del Campo, Mérida, Madrid e Badajoz.*

## ARTE E LITERATURA

## CEIFEIROS

POR FIALHO D'ALMEIDA

Continuado do n.º 79

CERTO, inda não ha propriamente calma áquella hora, mas o ar está rarefeito, a narina resfolga, — perla do tronco em lento suor d'iania anemica, as sombras das arvores parecem de roda dos troncos, pedaços do chão queimado: e quando do oriente o sol rebenta, como uma gemma d'ovo, vermelha, deformada em oval, sem diffusão de raios nem purpuras d'aurora, subito, uma calada faz-se na savana, e sente-se pesar o quer que é d'um começo de febre perniciososa.

Paizagens d'uma orgulhosa e rude magestade, effeitos de claro escuro a mais não selvaticos e tragicos! Cinco planos distinctos: ceára secca, ou restolhos, com raleiros de mólhos no primeiro, onde a cabellugem dos machuqueiros novos, já tortos da ventania d'inverno, faz como especies de figuras maniacas, perorando, uns ás carreiras pela encosta, erguendo os braços estes, cahindo aquelles alem, na escarpa d'um barranco: no segundo plano, mamelões de matto verde-bronze, mostrando ravinhas, como membros d'animais deitados e um ou outro laivo ou raia amarella de tojo sobre o dorso: depois o terceiro, azul esfumado, azul pardo, sem diaphaneidades nem mimos, com manchas de rosa secca, das terras limpas, e casalitas alvejando á sombra d'alguma mancha vaga d'arvores: após, no plano quarto, cristas de serra em semi-circulos de pannos scenographicos, coisas perdidas nos esforços que a pupilla faz pra se adaptar a esse raio visual de tantas leguas: e emfim no quinto plano, hypothetico, cordilheiras que podem ser nuvens, e lá longe, longe, muito longe, levantam a cabeça para espreitar por trás das camaradas. Toda esta coisa confusa, abrangida d'um comoro, escarvoada a traços de gigante, faz sua sequencia de linhas fortificadas e concentricas, que cada vez cinge mais perto o ambito da ceára, fechando o ar, cerzindo o mundo e os rumores do largo á asphixia torrida dos ceifeiros.

Elles, entanto, em linha á borda do trigo, distanciando seis metros uns dos outros, começaram em silencio a terrivel faina de ceifar. Trazem as pernas apolainadas de trapos, atados estes por cordas que se lhes entrecruzam, desde o sapato até ás coxas, por defesa aos abrolhos do restolho; trazem nos braços e nas mãos piugas velhas, de que fizeram miténes contra as escoriações da palha ardente; e a cara mal se lhes vê sob as abas do chapeirão de feltro ou de palmeira, e o mover dos seus rhins trahe o derreamento de miseraveis envelhecidos pelas moedeiras da fome e do trabalho. Com a mão direita lançam a foice ao rez da terra; com a esquerda agarram nos caules e vão deixando atraz de si o trigo, em pequenos mólhos paralellos. Aqui, além, inda os mais novos cantam; mas nas respirações oppressas, cantigo e paestra entrecortam-se-lhes de prágas, quando o suor, trespassando a sargoça das calças e o panno crú das camisas, começa de se lhes pegar á carne, salgado e chamuscando-lhes as sarnas como fogo. As primeiras horas

té ao almoço, são suaves, porque os 38 grãos do sol pouco fazem n'essas indoles de salamandra, afeitas a torrar. Apenas alguma sêde, um ou outro assopro aos moscardos que os perseguem, e olhadas ao sol para indagar se a meia hora de descanço do almoço estará longe. Esse placido interregno, porém, por pouco alcança, que a fomalha solar refila de brazidos, graduando o martyrio na proporção da mais atroz perversidade. A oriente o sol vem caminhando, sahindo da fumarada do horizonte, passando da côr de sangue a bronze liquido; e os seus raios, á medida que se aprumam, trazem na escandencia nauseas de veneno, e a angustia horrorosa do metal derretido sobre a carne; rareia o ar, a aragem mafinal cessa de todo, os cães arquejam de lingua cahida, as cavalgadas cessam de rilhar; e calando-se os passaros, e os vôos mais lentos, os ares mais turvos, a sombra mais ephemera — a hora do tormento diabolico da sêde, não sêde do paladar, tendo por centro de refrigério a gôrja secca, mas sêde do sangue espessado nas arterias, extenuadora sêde dos tecidos, colossal, geral, que nada estanca, e sob cujo estertor o cerebro zumba nos allucinantes delirios da insolação! Julgareis que a temperatura, marcada ao sol por 44 mortais riscos do termometro, tocado este acume, regresse lentamente ás virações mais frigidadas da tarde.

Mas qual regressar! são nove horas apenas da manhã, e d'ahi ás tres, o thermometro não fará senão subir. Começa então o pavoroso spectaculo da natureza e do homem, torturados a fogo para expiar o crime d'uma ter dado o fruto, e do outro insistir em viver d'elle. O almoço dos ceifeiros é parco e sem vontade: pão secco, azeitonas, algum queijo de cabra ou laranjasita mirrada, e agua! agua! agua! bebida pela bocca dos cantaros, a plena gôrja, ou de bruços nas poças cheias de limos, onde batracheos estagnam, côr de lama, d'olhos extaticos ao sol como fakirs. Impaludismo, desynteria, typho, o que elles bebem? Deixa-o; a sêde não reflecte; cada gotta d'aquella podridão vale mil vidas; e são goladas e goladas, a cada instante o cantaro despeja-se, e o rapaz sai a mergulhal-o no charco proximo, que os cães turvaram banhando-se-lhe dentro, e d'onde bandos de passaredo fôgem, regalados. Meia hora de repouso após o almoço. Mas repouso adonde? os arvoredos são raros, a terra escalda, e na rara sombra os insectos chacinam, furiosos. Ao mesmo tempo começa a fazer-se um inquietante silencio na charneca, um silencio oprimido, um silencio irrespiravel.

Cessaram os vôos, as cigarras começam, e o granar dos corvos, nos valles de milho, faz pelo matto como um echo de disputa rouca entre uma canalha malcreada. Lá para longe, emquanto nos primeiros planos as folhas das arvores perto ganham uma nitidez metalica de contornos, vê-se a atmospha por completo encinzeirada, a luz do sol sem brilho, como que vista atravez vidros de fumo; e horrivel coisa! em certos sitios a paizagem, atravez camadas d'ar aquecidas desigualmente, como que se refrange n'uma successão de laminas horizontaes, apparecendo á vista n'uma perpetua e irradiante oscillação (1).

(Continua)

(1) A este phenomeno optico, chama-se no Alemtejo *carme-tejo*, *carametejo*, ou *cramelejo*. Os dictionarios não trazem a palavra.

## CARTAS DE PARIS

*A caminho de Verdun — Chalons-sur-Marne — Em plenas ruínas — Os fortes de Vaux e de Douaumont — A Ravina da Morte*

Verdun, apesar do frio siberiano que se aproximava, estava-nos a tentar; e assim, Magalhães Lima e eu, bem defendidos por fortes agasalhos, por uma manhã de chuva, d'esta chuva triste que amolece o asfalto, partimos de Paris, no rapido de Strasburgo, em direção a Chalons-sur-Marne, onde devíamos tomar o comboio directo a Verdun.

Mais quatro viajantes compunham a nossa caravana: Sebastião Lima e A. Neves, com as respectivas esposas.

Por entre a humidade que ofuscava os vidros largos da carruagem, seguimos o nosso destino, compenetrados da audacia propria de portugueses, authenticos descendentes da Maria da Fonte; pois pode chamar-se heroismo o irmos pernoitar a uma cidade em ruínas, e jornadaear sobre campos aridos onde os gazes asfixiantes, depois de sufocarem os pulmões herculeos dos defensores do invencível reducto, queimaram, numa sêde de devastação, todo o arvoredo alto que enchia os campos outr'ora risonhos d'essa bela região, constituída hoje em vasto cemiterio.

O Marne heroico, da formidável batalha, estendido sob a estrada ferroviaria que o comboio, como n'um vôo, galgava a 60 kilometros á hora, trouxe-nos á mente a reconstituição d'essa horrível lucta em que o exército invasor sofreu o primeiro grande combate. Um guia, que nos acompanhava, começou a elucidar-nos sobre os pontos onde íamos passando: aqui é uma aldeia esburacada, com os telhados ao vento. As salas das casas, ainda com os vestígios d'uma retirada pressurosa, bem mostram como ali, antes da guerra, seria doce a vida campesina, sob a bucolica protecção de altos arvoredos, agora descorados pelo outomno. Além, é um velho castelo feudal, amortalhado emervas bravias que n'ele exercem a ação de uma larva destruidora. Depois, Chalons, laboriosa cidade recortada pelo Marne, bela cathedral, onde agora se estão já repondo os vitraes ricos, que o receio do avanço alemão fizera retirar. Admiramos o extenso e magnifico parque, em que, durante o verão, será delicioso repousar.

A nossa detença em Chalons, apesar de ser de perto de três horas, termi-

nára breve; e, já noite fechada, seguimos para Verdun, onde, moidos e cheios de tédio por um atraso inexplicável n'uma miserável estação do trajecto, chegámos perto da meia noite.

O dia seguinte nascera radioso. O Dr. Magalhães Lima sempre o mesmo admirador profundo das cousas da Natura e, sobretudo, do Sol, o velho Sol Amigo, veio anunciar, com uma alegria juvenil a bailar-lhe no olhar, que o adorado Phebo, nos dava os bons dias, enviando-nos os seus raios radiantes de luz, para conforto phísico e moral.

A's oito partimos. Mas fracos lampejos foram as homenagens á nossa visita, porque o mesmo Sol, depois de passar uma caricia sobre as casas derruidas de Verdun, escondera-se, deixando-nos um frio cortante, afiado como uma lamina, a fustigar-nos aavez dos campos sem abrigos, onde em cada palmo de terra palpita uma alma humana.

Dentro em pouco estávamos em plenas trincheiras, escancaradas ao nosso lado, como pavorosas tocas, como cavernas sinistras, onde vibraram almas n'uma mixta e intraduzível impressão sob o império da morte.

O primeiro ponto visitado foi o forte de Vaux, que domina um vale, e d'onde os alemães foram desalojados com heroica firmeza. Depois o automóvel levou-nos ao outro forte, mais potente de resistencia, de Douaumont. D'ali podemos figurar a grandeza da batalha. A muitos kilometros em torno d'ele, o chão está revolvido como se uma charrua ou uma gigantesca enchada o tivesse retalhado. Foi a metralha que, na sua brutal ação, abriu covas, sepultando gente. Para o afirmar lá está uma placa, com o letreiro, que transcrevo textualmente:

*Em cada palmo d'esta terra está um cadaver! Não a profaneis!*

Efectivamente os nossos pés tiveram receio de fixar esse chão sagrado, esse campo de tanta agonia!

Voltámos a Verdun, por outro caminho. O guia fez-nos deter, na *Trincheira das Espadas*, mostrando-nos as pontas das baionetas sahindo de dentro da terra. Ali ficaram sepultados,

erguidos como estavam em vida, os bravos que defendiam esse reducto. A terra cahiu sobre eles, e assim ficaram. Nem a morte os fez mudar de posição!

Mais adiante visitámos a *Ravina da Morte*, infernal campo que maior numero de victimas herdou da guerra. Quem lá ia, não voltava.

Magalhães Lima tirou o chapéu. Os seus cabelos brancos oscilavam ao vento, os seus olhos pareciam querer despejar bagadas de pranto; o seu desejo era orar, — disse ele — mas um grande silencio o emudeceu. A sua alma, porém, orou por aqueles que ali ficaram n'uma heroica firmeza. Todos nós fomos invadidos pelo mesmo pensamento; e sem querer fixar esse sagrado torrão, ali estivemos em recolhida meditação, de cabeça descoberta, indifferentes á chuva que começava a cair e que mais afundava a nossa tristeza. Sahimos d'essa lugubre trincheira, mudos, como se um toque de silencio nos tivesse embargado a voz.

Regressámos á tarde. O comboio directo trouxe-nos a Paris, pela mesma via de Chalons-sur-Marne; e no caminho, onde os campos começavam a reverdescer, e as trincheiras á beira da estrada vão sendo desfeitas, n'uma pressa de se nivelar tudo e de se procurar o esquecimento do passado, fomos recordando que esta guerra bem dura, bem impressionante, grandes lições proporcionou a vencedores e a vencidos; e a nova era que abriu hade, por certo, trazer ao homem a doce compensação da paz e da tranquillidade da vida.

Paris, Outubro, 1919.

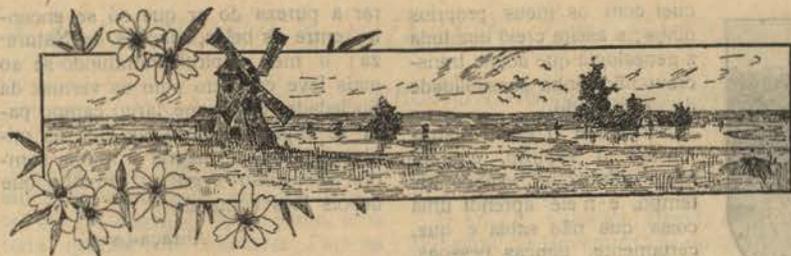
*Guerra Maio.*

*Companhia Portuguesa de Turismo*

TEEM os jornaes noticiado a vinda a Lisboa d'um representante da Companhia Portuguesa de Turismo, que por diversas vezes tem conferenciado com o Governo.

Como é desconhecida a existencia official d'esta Companhia, não se sabendo aos fins a que visa, agradecemos a quem, sobre tal entidade, nos prestasse os elementos d'elucidação que servissem não só para ajuizarmos da ação d'essa Companhia, como também, para podermos informar os muitos leitores que, n'uma justa curiosidade, desejam saber de que *Companhia* se trata.

Aqui fica, pois, o pedido, com os nossos antecipados agradecimentos.



## CARTAS DE LONGE

*Meus muito queridos :*

Eis-me um pouco refeito das primeiras impressões do meu delicioso passeio de hontem. Por isso vou continuar a minha descrição.

Tinha ficado na minha anterior carta, no momento em que, um pouco extenuado espiritualmente pelo turbilhão de ideias e de pensamentos a que a visão dos prodígios da Nature-

desperta o interesse a quem nunca visitou o Porto — esta cidade que viu, apreciou e saboreou inconscientemente as alegrias e as torturas d'esse Príncipe das Letras, que foi o infeliz de S. Miguel de Seide.

— Infeliz?!

Com que propriedade se poderá chamar infeliz a um homem que, como nenhum outro, soube cantar e fazer rir, soube chorar e fazer derramar

postumo de infeliz. Era e é um ultrage dizer-se tal.

Um homem da sua excepcional envergadura não poderá ter sido infeliz. Foi feliz de mais — isso sim — porque teve a *felicidade* de conhecer o mundo em que viveu.

Por isso sofreu como um justo, e para que o seu procedimento fosse tido como exemplo — que... não fructificou.

O terreno já então era sáfaro para a boa semente...

Mas, adiante.

Percorri com a vista o guia da Propaganda que tinha entre mãos e deti-me a examinar a descrição do ponto onde me encontrava n'esse momento — o Palácio de Cristal. Achei interessante o relato relativo a esse primeiro passeio portuense, e por isso vou traduzil-o para aqui, para que os leitores da "Revista de Turismo", que sejam amadores de historia e não conheçam a origem d'esse parque e do



PORTO — O Palácio de Cristal

za obrigára este meu escandescido cérebro, repousava sobre um dos bancos do parque do Palácio de Cristal.

Passei, então, pela vista um pequeno volume que mãos bem amigas me enviaram pelo ultimo correio. Era um guia do Porto, publicado em francez, n'uma interessante edição da portu-guezissima Sociedade Propaganda.

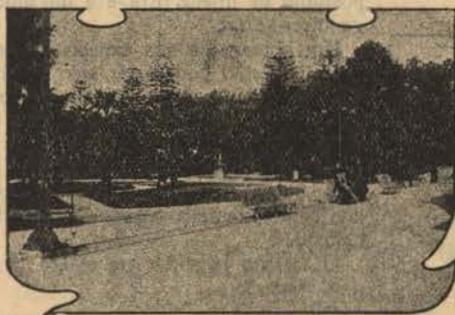
Folheei-o com relativa curiosidade. Cheio de boas gravuras, esse guia

pranto, causticou e fustigou uma Sociedade que por ele foi humanamente desmascarada para lhe extirpar os miasmas interiores, que se escondiam sob a fantasiosa tunica d'uma imposta-tura inconsistente e sem limites?!

Não. A doce memoria de Camilo Castelo Branco, esse legitimo e glorioso artista e mestre da literatura portu-gueza, não pode admitir que, seja quem fôr, lhe dê o qualificativo

edificio que n'ele se acha instalado, fiquem sabendo a sua origem e me fiquem tambem devendo um favor.

A construção do Palácio de Cristal data do seculo XIX, isto é, d'uma época em que o Porto brilhou pelos seus audaciosos empreendimentos, seguindo o historiador. O projecto foi feito pelo arquiteto inglez F. W. Sheilds, tendo a sua execução sido confiada aos engenheiros portu-guezes Gustavo



PORTO—Palácio de Cristal, um trecho do Parque

Adolfo Gonçalves e Sousa e Pedro d'Oliveira, ambos distintos pela sua muito sciencia. Os planos dos jardins e do parque foram obra do arquiteto alemão Emilio David, que tinha uma especial predileção pela paisagem.

O lançamento da primeira pedra do



PORTO—Estatua de D. Pedro IV

edificio teve lugar em 3 de setembro de 1861, ficando a obra completada quatro anos depois, em 1865.

Diz o livro — que a situação onde se encontra o palácio e os seus jardins é a melhor e mais apropriada, acrescentando que o atual parque está situado n'um dos terrenos que circundavam a antiga «Torre da Marca» existindo ainda a um dos lados a casa onde faleceu o desditoso Carlos Alberto, que foi Rei da Italia. Ali também se vê a capela mandada erigir pela princeza Augusta de Montleir, como sau-

PORTO—Ponte Maria Pia

dosa homenagem á memoria do mesmo monarca. Diz ainda esse folheto mais coisas que são verdadeiras, porque as verifi-

quei com os meus proprios olhos; e assim creio que toda a genealogia que acima transcrevo não tenha possibilidade de desmentido.

Serviu-me o guia. Distrahiu-me o espirito, embora n'um minusculo espaço de tempo, e n'ele aprendi uma coisa que não sabia e que, certamente, poucas pessoas, mesmo nascidas e baptisadas em qualquer das muitas frequezias da Invicta, desconhecem ainda, como, de resto,

desconhecemos tujo quanto é nosso, o que é coisa corrente «n'esta ditosa patria bem-amada».

Como a minha disposição não me permitia os entusiasmos d'um turista, mas acomodava-se melhor á situação d'um convascente que precisava de aspectos impressionantes e de horizontes vastos, não segui as indicações do guia do Porto, muito preciosas para quem tem desejo de visitar a cidade, mas aborrecidas para quem não pode sujeitar-se a imposições seja de quem fôr. Por isso atravessei o parque do palácio, meio automato, enquanto o pensamento se trasladava da materialidade em que tinha estado occupado para o reino da idealização, onde as torturas maximas, causticando o espirito, me compraziam d'uma forma inexplicavel e intraduzivel.

Viver na materialidade?

Não, nunca. Era o maior sarcasmo a que a vida me humilharia. Toda a decomposição da materia só é proveitosa para aqueles que n'ela vivem — para esses, homens nescios, alimentados e enriquecidos entre as rumas de chitas, envenenados pela tavalagem das bolsas; para os vis exploradores da miseria, da fome, da felicidade e da honra!

Não, nunca!

Longe, bem longe d'elles.

O dia apetitoso atrahia-me para onde os meus pulmões pudessem aspi-



rar a pureza do ar que só se encontra entre as belas criações da Natureza; o meu espirito retrahindo-se ao mais leve contacto com os vermes da Sociedade, exigia-me largo campo para se expandir, para dar vida ás minhas tristezas e alegria á minha sombra. Por isso segui o caminho que depois lhes contarei.

Abrça-os o

Mario de Montalvão.

Foz do Douro, outubro 1919.

## MUSEUS

### PATENTES EM LISBOA

**MUSEU DE ARTE ANTIGA**, ás Janelas Verdes, aberto das 11 ás 17, ás quintas leiras, e nos outros dias das 12 ás 17, excepto aos sabados que está fechado.

**MUSEU ANTROPOLOGICO E GALERIA DE GEOLOGIA**. Academia de Sciencias, todos os dias, precedendo licença, das 10 ás 16, excepto domingos e feriados.

**MUSEU ARQUEOLOGICO**, Largo do Carmo, todos os dias, 10 ás 16, \$10 cada pessoa: bilhete de familia (cavalheiro acompanhando até 6 senhores), \$20; crianças gratias.

**MUSEU DE ARTILHARIA**, largo do mesmo nome; está patente ao publico ás terças, quartas e domingos, das 11 ás 16. Nos outros dias, á excepção das segundas feiras, que está fechado, apenas é franqueado a estrangeiros ou pessoas munidas de autorização especial.

**MUSEU D'ARTE contemporanea**. Edificio da Bibliotheca Publica.

**MUSEU BORDALO PINHEIRO**, Parque do Campo Grande (lado oriental), aberto aos domingos. Entrada \$10.

**MUSEU DOS COCHES**. Paço de Belem, Aberto das 12 ás 16, excepto ás sextas.

**MUSEU COLONIAL E ETNOGRAFICO** Sociedade de Geografia, domingos, 10 ás 16.

**MUSEU ETNOLOGICO PORTUGUEZ**, Mosteiro dos Jeronimos, aberto ao publico todos os dias, inclusivé domingos, só se exceptuando ás segundas-feiras e os dias de gala.

**MUSEU DE HISTORIA NATURAL**, Escola Politecnica, quintas feiras, 10 ás 16, outros dias, licença especial.

**MUSEU NUMISMATICO**, Bibliotheca Publica, todos os dias, 12 ás 16.

**MUSEU TIFOLOGICO E BIBLIOTECA BRAILLE**, para uso dos cegos, T. do Fala 56, 16, dias uteis, das 11 ás 15, com autorização do fundador, Branco Rodrigues.

**MUSEU DA SOCIEDADE PROTETORA DOS ANIMAIS**, rua de S. Paulo, 55, 2º. Aberto nos dias uteis, das 11 ás 15. Instrumentos de tortura barbaramente empregados contra os animais domesticos.

**MUSEU DE HIGIENE**, rua da Cruz de Santa Apollonia, 25, quintas feiras, 12 ás 16.

**MUSEU PEDAGOGICO**. Poço Novo, 1, Escola Rodrigues Sampaio, todas as férias, nos meses de agosto e setembro. Nos outros meses, com licença do director.

**MUSEU DO TESOURO DA CAPELA DE S. JOÃO BAPTISTA**, na Misericordia ultimos domingos de cada mez, 12 ás 15,30 outros dias, licença especial.

**MUSEU DE S. NICOLAU**, aos domingos, das 13 ás 15, e em todos os outros dias das 10 ás 14, mediante licença especial. Entradas gratuitas.

## NA HISTORICA CIDADE DE EVORA

### A REORGANISAÇÃO DO MUSEU

Evora, a antiga cidade alemtejana, tão interessante pelos seus monumentos e obras d'arte, é, de ha muito, uma terra querida dos *touristes*. Para se conhecer as riquezas artisticas do Paiz, forçoso é visitar-se a cidade de Sertorio, pois, não obstante os vandalismos de que tem sido vitima, por ignorancia ou maldade, ela é, ainda e sempre, uma das mais dignas de admirar-se. E' lá que se encontra o mais completo templo romano da peninsula

Regional, que um grupo de eborenses, está tratando.

O sr. Dr. Celestino David, secretario geral do Governo Civil do districto de Evora, conseguiu com os srs. Manoel Monte, Antonio e Raul Matroco, José Serra, Dr. Vaz Madeira, Carlos Serra, Dr. Felicio Caeiro, etc., reunir um agregado de pessoas interessadas em cousas d'arte, e propoz-se efectivar a reorganisação e installação do Museu que, actualmente, é obra de horrorisar

pirito culto, D. Leonor Caldeira, tomando a peito essa empreza; e, com a promessa e os bons esforços do Governador Civil do districto, Sr. Floreal Sanchez de Miranda e dos deputados Camarate de Campos e Alberto Jordão, trabalha afanosamente para conseguir o desejado fim.

Os periodicos locais teem-se feito éco d'essa ideia; a população da cidade aplaude-a com entusiasmo.

D'entre os artistas de nomeada, alguns d'elles como: Alberto de Souza, D. José Pessanha, José Queiroz e Dr. Julio Dantas, ofereceram já o seu valioso auxilio. O Director da Biblioteca Publica, sr. Lopes da Silva, entrevistado pelo «Noticias de Evora» mostrou as vantagens que resultarão de tal empreendimento. Carlos Serra, ilustre professor da Escola Industrial, na «Voz Publica» exaltou igualmente a iniciativa.

Raul Matroco, tambem distincto professor, n'uma entrevista rápida mas valiosa, elucidou sobre os inconvenientes da dispersão das obras de arte e lembrou que por falta de logar proprio não foram recebidos ainda os quadros e as estatuas da herança Barahona e a Biblioteca preciosa do sr. Visconde da Esperança.

Estamos, pois, em frente de um acontecimento de larga importancia para a velha cidade alemtejana, para a Evora antiga e gloriosa. E se o grupo, agora organizado, conseguir o que intenta, Evora terá iniciado, com felicidade, uma nova epoca da sua vida, terá encontrado uma fonte de riqueza e—quem sabe—o fim da tradição que a diz para sempre malfadada nos seus desejos.

Assim a iniciativa vingue é o grupo, cujos intuitos são de aplaudir, te-

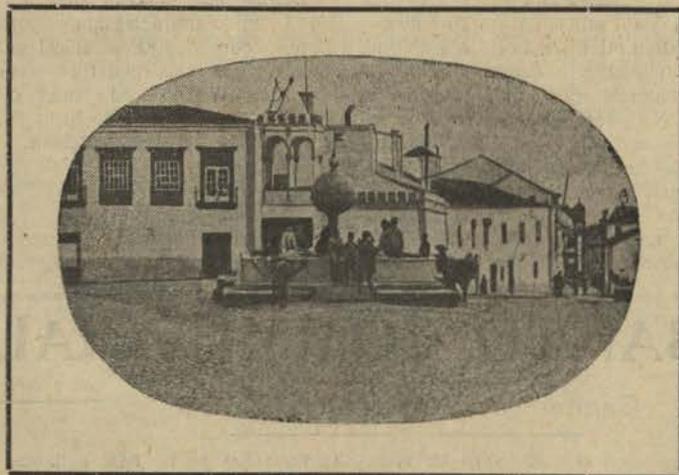


iberica, assim como as mais delicadas obras da Renascença, claustros goticos e romanos, janelas manuelinas, retabulos do século XV: tudo emfim quanto a Arte tem produzido de encantador e de belo.

Mas esta linda terra — que devia ser acarinhada como uma joia — não tem tidé nos ultimos tempos, debaixo do ponto de vista das preciosidades que encerra, quem por ela verdadeiramente se interesse. O esquecimento dos governos e a indiferença dos seus naturais, tem feito com que a mais curiosa das terras — que assim se pode dizer de Evora, mantenha uma tradição de infortunio que a amesquinha é apaga.

Esta historica cidade deseja, talvez, caminhar, elevar-se, ser mais conhecida, mas não vence o fatalismo que a domina; e, se avança, é a passos vagarosos. As iniciativas teem-se perdido em hesitações. Todavia uma appareceu agora que, pelos auspicios que a rodeiam, deverá vingar. Referimo-nos á reorganisação e installação do Museu

e não de vêr. Esse grupo, que se denomina «Amigos do Museu», esco-



Iheu para sua presidente uma ilustre dama eborense, alma de artista e es-

nha vida prospera. São estes os desejos de quem se interessa pelas ri-

quezas do seu paiz; são estes os nossos desejos. Evora é uma formosa cidade. E' uma das mais interessantes, senão a mais interessante de Portugal. No dia em que o seu muzeu

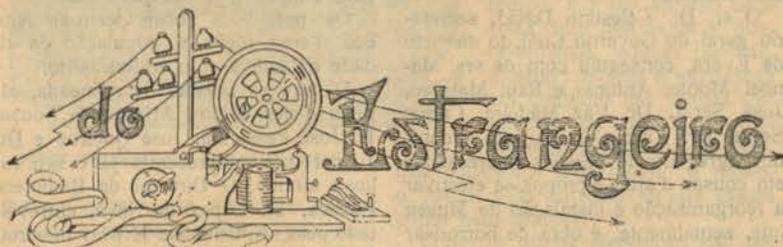
esteja reorganizado, a importancia que legitimamente usufrue recrudescerá com o seu antigo fausto, que as suas imensas preciosidades atestam como testemunho imperecível.

da região lyoneza, resolveu crear a Associação Comercial, Industrial e Agricola de Lyon, cujo fim é especialmente o desenvolvimento e aperfeiçoamento do commercio, da industria e da agricultura da respectiva região; favorecendo, tambem, o desenvolvimento do turismo, industria que foi considerada a primeira sobre todas e, por isso mesmo, merecedora dos maiores esforços e dos mais solícitos cuidados.

Como primeiro acto das funções d'essa Associação, acaba de ser creado por ela, na gare da estação de Perrache, um posto d'informações que obedece aos mais praticos resultados. Assim, qualquer passageiro que necessite d'instalar-se ali n'um hotel, nada mais tem a fazer do que, ao aprear-se do comboio, dirigir-se a esse posto d'informações, onde recebe indicação do hotel que o poderá recolher e do numero do quarto onde se instalará, para o que lhe é fornecido logo uma ficha com o respectivo numero.

D'esta forma o viajante, alem de ser poupado ao enfadonho incomodo de percorrer hoteis á cata de alojamento, nenhuma preocupação tem por esse facto.

O mesmo posto fornece guias meticulous sobre a cidade e seus arredores, de forma que o visitante pode disporbem o seu tempo aproveitando-o o mais possivel em negocios e visitas.



## FRANÇA

### Conferencias de turismo

O Conselho d'Administração do Touring-Club de France resolveu levar a efeito, durante o presente inverno, uma série de conferencias com projeções, que, por certo, resultarão de bastante interesse, dada a auctoridade dos oradores e os assumptos que foram escolhidos.

A primeira d'essas conferencias terá lugar em 28 de Janeiro proximo, e versará sobre «Turismo subterraneo», sendo conferente o Sr. A. Viré, membro do comité dos sitios e monumentos em França e adido ao Museu de Historia Natural francez.

A segunda, terá por thema o «Morvan», sendo orador o Sr. Choucary, Vice-Presidente do «Morvan», em Paris.

Na terceira, o sr. Dacier, membro do Conselho d'Administração do «Canoë Club» dissertará sobre «As três ribeiras da França em barco-automovel: a de Lot, a de Loire e a d'Orne.

E, finalmente, a quarta conferencia será occupada por uma descrição apreciativa dos «Pyreneus e pyreneísmo», em que o sr. Bondidier, secretario da confederação pyrenaica, fará ouvir a sua fluente palavra.

Todas estas conferencias realizar-se-hão na grande sala da Sociedade dos Agricultores de França.

### Hotelaria lyoneza

SOB os auspícios da respectiva municipalidade, constituiu-se em Lyon uma importante sociedade tendo por especial fim a criação d'um certo numero de hoteis, para que assim, essa já hoje importante cidade, possa oferecer comoda hospitalidade aos inumeros forasteiros que a visitam, não só para conhecerem a sua actividade nos ramos commercial, industrial e artistico, mas egualmente por motivo das feiras internacionaes que anualmente ali se realizam.

Pelo lado do turismo, essa cidade muito tem a lucrar com a bela iniciativa que originou a constituição da nova «Sociedade dos Novos Hoteis de Lyon», que está tratando de pôr immediatamente em pratica o programa a que obedeceu o estabelecimento dos seus estatutos.

Dentro em pouco, pois, a cidade de Lyon contará alguns importantes hoteis, com 1.200 a 1.500 quartos, dotados dos mais modernos confortos, do maior luxo e de tudo o mais quanto hoje é exigido pela boa exploração da industria hoteleira.

### Posto d'informações

Um grupo formado por grandes industrias, comerciantes e agricultores

BREVEMENTE  
A APARECER À VENDA :

“Cantares,”

VERSOS DO POETA  
ANTONIO BOTTO

MUSICAS DE  
NICOLAU D'ALBUQUERQUE

ILUSTRAÇÕES DO PINTOR  
ANTONIO CARNEIRO

Composto e impresso no «Centro Tipografico Colonial»  
Largo da Abegoaria, 27 - Lisboa

# BANCO COMMERCIAL DE LISBOA

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Capital realisado 4.000.000\$

SÉDE: RUA DO COMMERCIO, 102

CORRESPONDENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO PAIZ E ILHAS, E NAS PRINCIPAES PRAÇAS ESTRANGEIRAS, SOBRE AS QUAIS TOMA E FORNECE SAQUES, DÁ ORDENS TELEGRAFICAS E CARTAS DE CRÉDITO.

RECEBE DEPOSITOS Á ORDEM E A PRASO FIXO, ABRE CRÉDITOS EM CONTA CORRENTE E EFECTUA TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS.

Telephones DIRECÇÃO . . . 159  
CONTABILIDADE 397 0

LISBOA (Portugal)